



Carlos Marreiros
Os Macaenses
Acrílico sobre madeira
e escultura em pasta
de papel amada.
1999, 180x180 cm.

Pintura Contemporânea de Macau

ANTÓNIO CONCEIÇÃO JÚNIOR*



Situada nas margens do Império do Meio, Macau sempre se vocacionou para a permuta, lugar transmutado em palco de todas as ficções, encruzilhada de todos os caminhos, utopia de todas as realidades, igualmente cenário também de todos os sorrisos cépticos de todos quantos desistiram de sonhar.

A exposição que em boa hora o Museu de Arte de Macau organizou e se patenteia ao olhar do visitante reflecte e constitui preocupação determinante do seu dedicado director, ele próprio de há muito pintor, discípulo insaciável de Kam Cheong Leng e depois de Macau, do mundo, e de si próprio.

Olhando hoje a paisagem física da cidade não irá o visitante das obras patentes descortinar, se não conhecer Macau e a sua história, o fio invisível da Memória e da vocação da cidade como elemento aglutinador e transmissor de um diálogo permanente

* Licenciado em Artes Plásticas e Design pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Presidente honorário da Associação de Designers de Macau, que ajudou a fundar, e membro da Academia de Belas-Artes de Lisboa. Foi Conservador do Museu Luís de Camões e Chefe dos Serviços Recreativos e Culturais do então Leal Senado. Foi consultor para Cultura da Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau, director da Galeria do World Trade Center, colaborou em diferentes jornais e revistas, exercendo actualmente funções de consultadoria no Museu de Arte de Macau.

Bachelor's degree in Art and Design from the Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. He is honorary president of the Macao Designers Association, which he helped found, and a member of the Academia de Belas-Artes de Lisboa. He was curator of the Luís de Camões Museum and head of the Recreational and Cultural Division of the Leal Senado. He was also cultural advisor to the Macao Foundation for Cooperation and Development, and director of the World Trade Center Gallery. He has contributed to various newspapers and magazines, and is currently a consultant at the Macao Museum of Art.

– secretamente instituído –, individual e colectivo, entre os seus mais representativos autores através dos tempos, de geração em geração.

Toda a exposição, cuja característica é a linguagem contemporânea qualitativa, não pode senão constituir uma simples amostragem do espólio artístico e criativo de cada um dos autores presentes e de outros que estarão patentes com a rotatividade da mostra.

Desde os princípios do século XVII que Macau se tornara no ponto de preparação dos missionários para a China. Por volta de 1610 chega a Macau o jesuíta Francesco Sambiasi, missionário e pintor que se iria expressar na China, seguindo-se-lhe um préstimo significativo de missionários artistas de várias origens em que pontificaria o também italiano Giuseppe Castiglione, cuja longevidade artística percorre os reinados de Kangxi, Yongzheng e Qianlong.

Macau torna-se assim, bem cedo, nesse Entreposto de saberes e engenhos que do Ocidente se irão encontrar com os da grande China, face à sua particular posição geográfica no quadro geográfico chinês e mundial.

Daí que, sendo porta de entrada – lugar de contacto e permanência temporária ou definitiva –, a cidadezinha se tenha constituído numa arqueologia de memórias que se iriam acumular pelos tempos, mais-

Konstantin Bessmertny
Exact time house. Óleo sobre relógio. 1997, 65x26x10 cm.



Mio Pang Fei, *Palma*. Mixed media. 2001, 140x200 cm.

-valia cultural acessível a todos quantos percebam a importância da abertura ao Outro, da troca encetada, ganho que desconhece perdas, caminho para um mundo equilibradamente global.

Retomando, contudo, o fio à meada, surgem e saltam à memória os nomes de Auguste Borget, George Chinnery, Thomas Boswall Watson, todos estrangeiros, vivendo num século XIX cujo testemunho nos chega pelas imagens das suas obras e pelo óbvio interesse na demanda de *La Chine et les Chinnois* do pintor francês, e da presença da *East India Company* então sediada em Macau, a que os dois restantes artistas e amigos, residentes em Macau, se encontram associados.

Assim é que, de uma primeira leva missionária para a China imperial, em que Macau é cidade e ponto de passagem, de adaptação e aprendizagem, se irá constituir como tema, cenário dos olhares ávidos de Borget e do deambular quotidiano de Chinnery e das influências que o conhecido artista teria, não só sobre o seu médico Thomas Watson, mas também sobre Lam Qua e Marciano Baptista, contribuindo decididamente, por simpatia, à emergência do estilo comercial virado para o consumo ocidental de um estilo mais em matéria de tópicos que de técnica, que viria a ser conhecida como *China Trade*.

A sombra e legado de Chinnery iriam atravessar o século seguinte para se deter, sem esquecer outros artistas mais discretos, em transmissão de testemunho, no nome longo de uma presença breve: George Vitalievitch Smirnoff que residiria temporariamente em Macau, como refugiado de guerra, entre 1944-45.

Com Smirnoff termina um modo mais realista de retratar Macau, na senda do que os artistas do século XIX tinham vindo a realizar.

Indelevelmente marcado, no início da sua aprendizagem, por G. Smirnoff, emerge a figura marcante de Luís Demée que se iria afirmar incontornavelmente como um dos grandes artistas portugueses, ainda que de forma discreta pelo seu próprio carácter recolhido.

Entretanto, na pobreza-ausência de espaços adequados de exposição, situação que se vai arrastando até aos anos 80, artistas como Kam Cheong Leng, Tam Chi Sang e Kuok Si teimam persistentemente em resistir às dificuldades, pintando juntamente com Herculano Estorninho, em torno do Grupo Arco-Íris, constituído fundamentalmente por meritórios autodidactas.

A IMPORTÂNCIA DOS ANOS 80

Indeclinavelmente, os anos 80 marcam o fim definitivo de um tempo e o nascimento de outro, feito de sinergias e conjunções diversas.

Gente nova, ideias novas, voluntarismo, sede de informação, abertura e solidariedade marcam aquela que hoje é a geração de base da pintura contemporânea de Macau, num momento em que chegam a Macau diversos artistas de formação tradicional cuja incapacidade de se integrarem no movimento de renovação os não exclui de uma convivência com a linha menos tradicionalista.

O panorama artístico local vai-se alargando e definindo com a emergência de Ung Vai Meng e a confluência de outros artistas de desígnios semelhantes, como braços de delta de proveniências várias, convergindo para o rio do sonho. Kwok Woon e Joana Ling aqui se estabelecem em 1980, Mio Pang Fei e sua mulher Ung Chi Iam chegam por volta de 1983, coincidindo com o regresso a Macau de Carlos Marreiros e a subsequente criação do Círculo dos Amigos da Cultura.

Se, por um lado, as ideias e conceitos tradicionais vão sendo *combatidos* pela necessidade de uma contemporaneidade que as galerias oficiais existentes – geridas pelo Leal Senado – desde sempre reconheceram na sua programação, por outro, o tempo encarrega-se de modificar o modo de olhar as coisas, ao qual também não terão sido estranhos o incontornável apoio do Instituto Cultural de Macau e as inúmeras exposições trazidas do exterior, além dos intercâmbios e viagens realizadas.

São os aludidos anos 80 determinantes para o presente das artes plásticas em Macau, cuja memória se traduz já na consagração do registo de uma inevitável reflexão sobre a dimensão cultural da cidade, pelo recurso à manipulação de signos, ícones e linguagens pluriculturais, expressos de modo díspar por cada autor, oscilando sempre na bivalência saudavelmente insólita do pioneirismo, que legitimará depois todas as linguagens a haver.

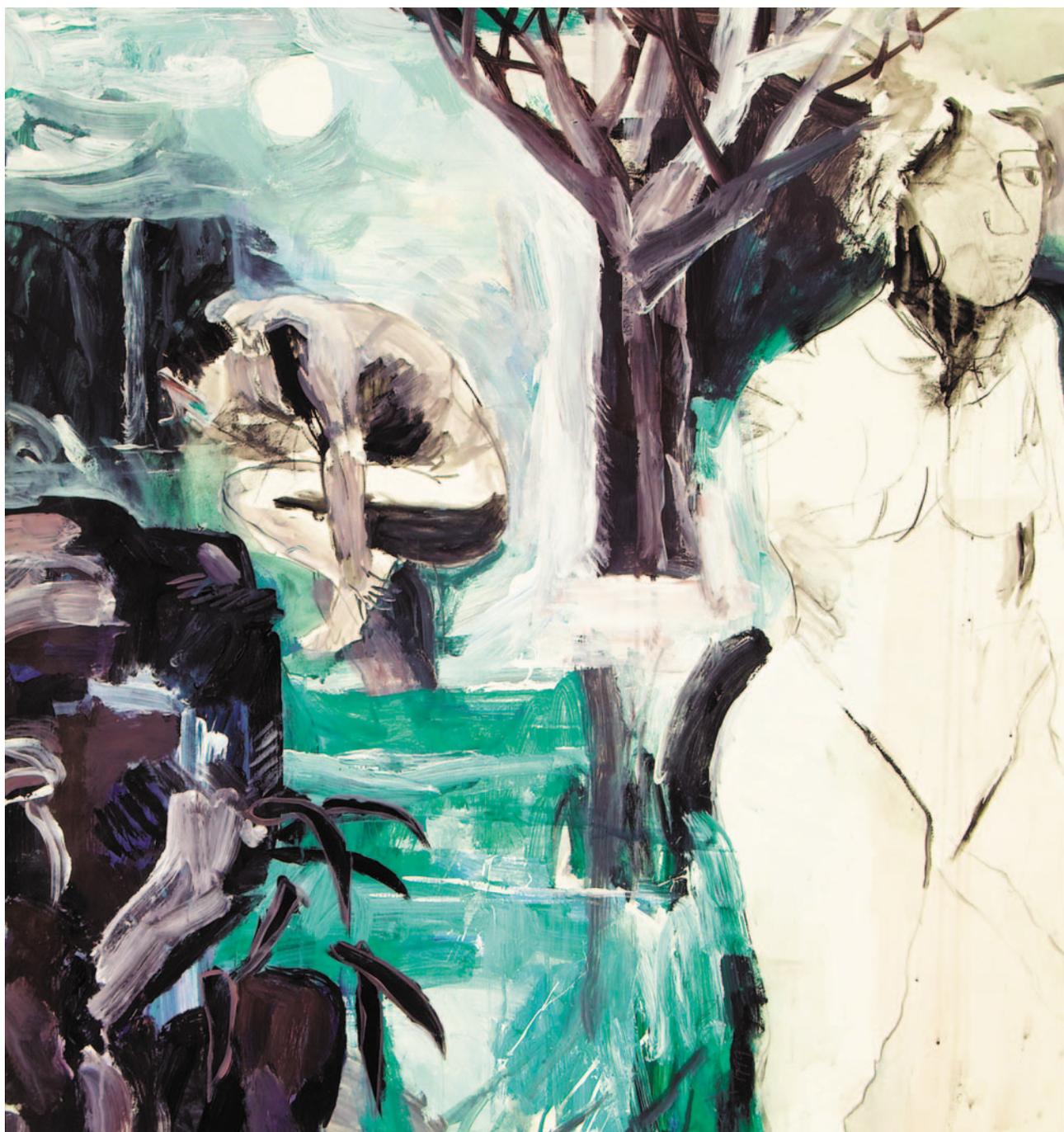
Ao longo dos anos, nomes como Nuno Santiago, Joaquim Franco, Konstantin Bessmertny, Fernanda Dias, Frederico George, Lok Tai Tong, Lio Man Cheong, Lei Tak Seng, correspondentes a diferentes tempos, emergem e afirmam-se dentro dessa enigmática amplitude definidora de *artista de Macau*.

ARTE

É chegada, assim, a hora de distinguir alguns dos artistas que pessoalmente considero mais representativos da contemporaneidade plástica de Macau.

Ung Vai Meng emerge em princípios dos anos 80 com desenhos sobre Macau que rompem com a tradição, mas suficientemente arrojados e seguros para o colocarem já na prateleira dos cronistas de Macau na tradição dos séculos XIX e XX. Esses desenhos, *desobedientes* em relação à estética então ainda vigente, iriam ser determinantes na primeira forma de expressão

plástica dos seus trabalhos a óleo, que iriam sofrer grande evolução ao longo dos anos, acumulados pelas experiências de viagens associadas a um espírito insatisfeito, sempre em busca de mais, que o tornam também num dos mais prestigiosos *designers* gráficos. As suas experiências plásticas conduzem a que Júlio Pomar assista e o felicite na inauguração de um painel que realizou para o edifício da Biblioteca de Macau. Mergulhar nos seus livros de desenhos é navegar na aventura do puro prazer do desenho inteligente, espontâneo e liberto.



ART



Carlos Marreiros vem trazer com o seu regresso a Macau, em 1983, uma nova dinâmica no campo das artes plásticas, fundando o Círculo de Amigos da Cultura. Autor versátil, *constrói* desenhos a tinta cuja linearidade plástica é de grande detalhe e se cumpre numa narrativa que o colocam também no âmbito dos cronistas de Macau, dentro de uma leitura onírica e gradualmente mais simbólica, onde Camilo Pessanha se vai tornando no centro das suas referências. Na pintura mostra, sobretudo, enorme versatilidade, evoluindo do abstracto para o neo-figurativo sempre marcado pela bivalência cultural inerente a Macau. A sua inventividade eclode surpreendentemente em cada exposição.

Ung Vai Meng, *Nova vida*
Acrílico. 1999, 66,5x92 cm.

Carlos Marreiros, *Pessanha e máscara*
Acrílico sobre tela. 1986, 124x124 cm.

Mio Pang Fei, *Flores*
Técnica mista. 1996, 180x141 cm.

Mio Pang Fei, proveniente de Xangai, chega discretamente a Macau onde se insere com sua mulher, Ung Chi Iam. Professor da Escola de Artes Aplicadas de Xangai, encontra em Macau campo aberto para se exprimir plasticamente.

A sua pintura, que a quer sempre identificada com a expressão chinesa, se por vezes raras recorda Zhou Wo Ki, é quase sempre caracterizada por uma enorme densidade pictórica e matérica na qual não se esquece de enfatizar essa sua linguagem neo-orientalista, se classificativos requer a beleza da escrita chinesa, conferindo ao seu todo uma dimensão arquetípica de alguém que, sendo profundamente chinês, o afirma, na diversidade de Macau, por via do óleo de origem ocidental, em alternativa ao *shui-mo* tradicional. Mio constitui hoje notável referência na história da contemporaneidade chinesa.



ARTE



Kwok Woon radica-se em Macau com sua mulher Joana Ling em 1980, continuando o exercício da pintura como seu único mester, desmultiplicando-se em experiências em variados suportes, que apenas terminariam com o seu último suspiro, exalado ainda neste ano de 2004. Homem de grande inquietação artística, militância, trato afabilíssimo, a obra de Kwok Woon constitui hoje rico património e testemunho da condição especial de Macau. A homenagem que merece será realizada em breve.

Nuno Santiago viveu em Macau alguns anos da década de 80, tendo realizado obra de grande beleza plástica, inventando técnica própria que lhe apurou a linguagem. O recurso à hibridez dos materiais só poderia ter acontecido em Macau.

Fernanda Dias residente há cerca de duas décadas em Macau, o seu percurso tem vindo a sofrer sucessivas transformações no seu diálogo íntimo entre a pintura, a gravura, a prosa e a poesia. Do seu percurso são de assinalar fases em que recorre inteiramente a um universo chinês decorado com elementos alentejanos para depois se situar nos antípodas geográficos.

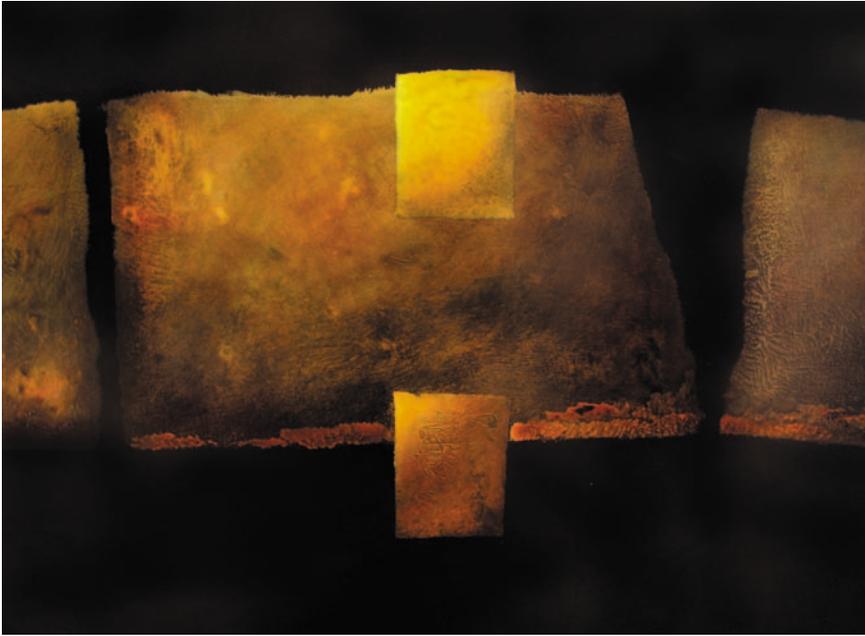
Joaquim Franco é antigo residente de Macau, tendo caminho feito na área da gravura onde se especializou. Merece destaque o seu sacerdócio em prol da difusão da gravura como meio de expressão.

Kwok Woon, *Installation*
100x100x35 cm.

Nuno Santiago, *Sem título*
Acrílico sobre papel chinês.

Fernanda Dias, *Old poster on scarlet wall*
Técnica mista, 146x110 cm.

ART





Konstantin Bessmertny, *Dim. sum. Quattro stagioni. Summer. Dim. sum.* Mixed media. 1998, 59x48 cm.



Lok Tai Tong, natural de Xangai, licenciado em Belas-Artes pela Universidade do Leste da China, chega a Macau em 1983. A sua exposição ao ambiente dos artistas mais progressistas acentua a sua tendência para a expressão contemporânea. É assim que, em 1987 e 1996, obtém o 1.º Prémio de Pintura de Expressão Chinesa na Colectiva de Macau realizada na Galeria do Leal Senado. Mantendo-se fiel à técnica do *shui-mo* Lok Tai Tong desenvolve uma expressão muito peculiar, sem nunca recorrer à cor, fiel também à memória de uma caligrafia que se afirma na ausência da sua perceptibilidade.

Lok Tai Tong, *Work V*.
Tinta-da-china sobre papel de arroz, 2001.

Konstantin Bessmertny nasceu em Blagovestchensk. Estudou na Faculdade de Belas-Artes do Instituto Pedagógico de Khabarovsk e posteriormente no Instituto de Belas-Artes de Vladivostok. Chega a Macau em 1993 e rapidamente se integra. A sua obra é de uma invulgar riqueza implosiva. Tomando decisivamente por temática a realidade de Macau, recorda por vezes obras como *Provérbios Holandeses* ou o *Casamento Camponês* de Pieter Bruegel. Porém, em muito transcende o velho mestre na fina ironia. A sua obra é um olhar cirúrgico sobre o lado oculto de Macau, uma sátira e uma análise realizadas com enorme inteligência. Konstantin Bessmertny será, hoje, um dos mais conhecidos pintores a nível internacional a residir em Macau.

ARTE



Jorge Smith, *Têrmos Culturais*. Mixed Media. 2001, 180x180 cm.

Denis Murrell, *Um encontro no mar*. Mixed media sobre tela. 2001, 160x140 cm.



Denis Murrell, australiano de nascimento, residente em Macau desde há quase duas décadas. Por vezes a sua obra recorda-me uma geografia e as memórias de uma visita ao jardim de água de Monet,

em Giverny, enquanto, por outro lado, me recorda a pintura chinesa de flores. O que ressalta é a simbiose, a mútua contaminação desses elementos ou memórias havidas nesta vivência de Macau.



Lio Man Cheong, *Pátio do Coronelo*. Aguarela, 1998, 31x25 cm.

Lio Man Cheong começou a expressar-se como pintor de cartazes de cinema e aguarelista. Há muito que observava o seu estilo peculiar na interpretação plástica dos filmes em cartaz, admirando a lucidez do seu trabalho. Em 2001, sou confrontado com uma obra de grande qualidade e beleza plástica que ganha o 1.º Prémio na modalidade de Pintura Ocidental da XVIII Colectiva de Pintores de Macau. Apercebo-me que assisto à intuitiva maturidade feita do recurso a todos os seus passados e novamente, em 2004, sou confrontado com nova obra feita de uma conjugação de memórias de Macau. Em ambas se nota a

apropriação denotativa do trânsito de memórias comuns por um autor de etnia chinesa sobre a realidade de Macau, organizadas segundo uma hierarquia de significantes.

Lei Tak Seng, artista da nova geração, ganha o 1.º Prémio na modalidade de Pintura Chinesa em 2001 e, depois, novamente em 2003 nas Exposições Colectivas de Artistas de Macau.

Mantendo a tradição do *shui-mu* como suporte, também Lei Tak Seng convoca e manipula referências muito concretas ligadas a Macau de um modo singular que advém da sua autenticidade como autor.

Mostrada, assim, breve panóplia com naturais omissões, produto da falta de dados existentes à data deste escrito, constata-se à saciedade que, por si, Konstantin Bessmertny constitui a metáfora da vida artística de Macau, seu poiso e fonte temática para, de aqui, partir para o mundo. E se Konstantin corporiza a leitura do lado oculto, ele é, juntamente com todos os outros pintores que têm com a cidade que os acolhe, ou foi berço, a face exposta da utopia que clama por maior apoio, porque qualidade é coisa que não falta. Assim a educação artística se manifeste não apenas no Museu e o seu ensino saiba reconhecer que, em arte, apenas há uma nacionalidade. **RC**

Lei Tak Seng, *Anotação sobre Macau*. Aguarela sobre papel. 2001, 130x100 cm.

